



ESTADO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Estado da Educação
Diretoria de Educação Básica e Profissional

1º CADERNO PEDAGÓGICO

**Reflexões para a Implementação da
Política de Educação, Prevenção, Atenção e
Atendimento às Violências na Escola**

Florianópolis



2015

Impressão da Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina
DIOESC

Projeto Gráfico | Diagramação | Ilustrações
Valdir Siqueira - MTb:31.804

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação - CIP - Brasil

Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina - DIOESC

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Giovania Nunes (CRB-14/993)

S231c Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação. Diretoria de Educação Básica e Profissional.
I Caderno pedagógico: reflexões para a implementação da política de educação, prevenção, atuação e atendimento às violências na escola / Diretoria de Educação Básica e Profissional -- Florianópolis: DIOESC, 2015.
46p.: il. color.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-69213-03-1

1. Violência na escola. I Autor. II. Título.

CDU 371.58

2. CONFLITOS NA ESCOLA: APRENDENDO COM ELES

*Eu vou torcer pela paz
pela alegria, pelo amor
pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu vou...*

(Fernanda Abreu)

O conflito, aqui visto como um “ato, estado ou efeito de divergirem muito, ou de se oporem duas ou mais coisas, choque, enfrentamento, discussões acalorada; desavença¹”, acarreta uma conotação negativa, entendido como algo a ser evitado a qualquer custo pelos protagonistas da ação e pelos sistemas organizacionais da sociedade.

Os projetos voltados para a temática da paz, geralmente, entendidos equivocadamente como ausência de conflito, assumem um formato que impossibilita, muitas vezes, discussões de ideias e opiniões necessárias para a mudança de posturas, de comportamento e promoção de cultura que reconheça e valorize as diferenças humanas. Por isso, os conflitos podem e devem significar evolução, quando entendidos como algo positivo, conforme reflexão apontada pelos autores Burguet, (*apud CASALI, 2012*), Moscovici e Bernoux (1985 *apud BENAVENTE; CARVALHO, 1995*), estão intrinsecamente ligados aos seres humanos, sendo esses capazes de gerá-los, assim, devem, também, ser capazes de encontrar a melhor forma de lidar com eles. Esses autores entendem, ainda, que os conflitos compõem as dinâmicas transformadoras, e quando não é possível evitá-los, devem ser geridos.

Nessa perspectiva, Bernoux (1985 *apud BENAVENTE; CARVALHO, 1995*, p. 13) afirma que “o sucesso de um grupo humano já não aparece condicionado pela ausência de conflitos, mas por uma boa gestão destes, o que pressupõe a sua clarificação”.

Dessa forma, os conflitos, inerentes às relações sociais, têm papel fundamental na vida em comunidade, possibilitando a reflexão coletiva e o fortalecimento da democracia, oportunizando aos sujeitos o direito à fala e à escuta.

A QUESTÃO ESTÁ EM COMO EU FALO, COMO EU ESCUTO E COMO EU REAJO.

A aceitação da existência do conflito, visto como evolução positiva, é o primeiro passo para resolução e redução de contradições. Segundo Burguet, (*apud CASALI, 2012*, p. 811), “quando a situação conflituosa encontra-se dentro da escola, é necessário que os estudantes entendam os conflitos de maneira que possam aprender formas alternativas para resolvê-los e buscar soluções que sejam satisfatórias para todos”. Não é tarefa fácil ou simples para a escola, como afirma Vinyamata, 2005, (*apud CASALI, 2012*, p. 811): “Solucionar conflitos não é algo que se possa ser feito de maneira teórica, abstrata. É algo que exige nossa atenção e capacidade de ação, de concretizar iniciativas que contribuam para isso.”

Na comunidade escolar, lugar onde se concentra uma enorme diversidade de pessoas, profissionais da educação, estudantes e familiares, é um lugar onde a dinâmica do conflito é inevitável, devendo servir como paradigma para a construção de novos modos de ser, de estar, de fazer e compreender o mundo.

OS CONFLITOS PRESENTES NO CONTEXTO ESCOLAR NÃO DEVEM SER SUBSTIMADOS E/OU NEGLIGENCIADOS.

Qualquer tipo de conflito deve receber a **atenção dos educadores**, que, por meio de ações imediatas, devem mediá-lo, e sempre que possível planejar ações pedagógicas sobre a temática. As reflexões presentes na Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola salientam que:

¹ Instituto Antônio Houaiss (org.). Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2004, 2. ed., revista e aumentada.

A atenção na educação configura-se com metodologias de **olhar, de escuta, de acolhimento e de diálogo** na relação professor-estudante, criando-se, assim, no contexto escolar, um ambiente de afetividade e de confiança para que crianças e, sobretudo, adolescentes expressem seus sentimentos, suas ideias em todos os momentos. (2011, p. 30)

Assim, os educadores cumprem com a função social que cabe a escola exercer, desenvolvendo atividades voltadas à prevenção de ocorrências de violência. Dentro dessa perspectiva, Souza (2009, p. 122) comenta que “o uso da violência, como meio para resolver conflitos pessoais, significa, por parte dos homens, deixar de utilizar o instrumento que o diferencia dos outros animais, o diálogo”.

Diante dessa concepção, é importante que o processo pedagógico esteja fundamentado com as diretrizes abordadas nos direitos humanos.

A educação em direitos humanos orienta para a cidadania por meio de discussões éticas, de respeito para viver e conviver com a diversidade* humana em todas as suas dimensões: étnica, cultural, sexual, social, religiosa, de gênero, dentre outras. Para a efetivação dessa educação, criou-se as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012, CNE.

* Para a compreensão do conceito de diversidade, **sugestão de leitura:**

– Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, 2014, p. 51 a 90.

– As aventuras de Yara no planeta Oculares: conhecendo, respeitando e convivendo com a diversidade religiosa e os direitos humanos (vol. I e II). De Lilian Blanck e Elcio Cechchetti (coord.), Blumenau, Edifurb, 2013. O material apresenta conhecimentos fundamentais para a compreensão crítica da diversidade religiosa e sua relação com a promoção dos direitos humanos no contexto social, político, educacional e religioso.

Para inserir as discussões éticas no contexto escolar, é importante conhecer a etimologia do termo, palavra de origem grega *ethiké*, significando ser “um conjunto de preceitos sobre o que é moralmente certo ou errado, parte da filosofia dedicada aos princípios que orientam o comportamento humano”². A ética favorece novas leituras sobre direitos e deveres e como os limites devem ser respeitados e/ou discutidos de maneira democrática, igualitária.

Posturas excludentes, autoritárias, preconceituosas, punitivas ou moralistas são atitudes que provocam reações negativas e dificultam o relacionamento e o diálogo educativo. As relações afetivas que se estabelecem na escola, entre professor e estudante, entre profissionais da educação e estudantes, contribuem para atitudes de respeito, confiança e convivência ética.

De acordo com Sobral (2007), é necessário tomar atitudes que levem a sair da indiferença. Essa “indiferença” é justamente a falta de afetividade, de compromisso com o projeto de uma sociedade mais igualitária via educação.

**A EXISTÊNCIA DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR POSSIBILITA
MELHORIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS, PERMITINDO QUE SE ESTABELEÇA
A AMIZADE, O RESPEITO, A SOLIDARIEDADE, A GENEROSIDADE E A CONFIANÇA.**

O sentido de afetividade é abrangente e complexo, envolvendo carinho e cuidado que se tem com alguém. Na relação com os estudantes em sala de aula, durante o processo de ensino e aprendizagem, não basta apenas à demonstração física de afetividade (um abraço, um beijo), mas, é necessário que o professor se comprometa com o desenvolvimento e a aprendizagem desses.

² Instituto Antônio Houaiss (org.). *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 2004, 2. ed., revista e aumentada.

Para o teórico Balbinoti (2010 *apud* CASALI, 2012), a relação afetiva “vai além, direciona-se em acreditar na capacidade do estudante, é preocupar-se com as maneiras de ensiná-lo e ajudá-lo a aprender”.

Não se pretende aqui postular uma relação romântica ao conclamar relações mais afetivas no contexto escolar, ao contrário, entende-se como uma ideia necessária para qualificar a relação professor e estudante. Reconhecer a individualidade de cada estudante e acreditar em seu potencial de aprendizagem é uma demonstração de profissionalismo. É nesse sentido que Sobral, 2007, p. 6, diz que:

Numa sala de aula onde a afetividade é levada em consideração, provavelmente formará indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos o que contribuirá para um mundo menos agressivo. Para que isso aconteça, é preciso que haja uma relação de respeito e cumplicidade entre professor e estudante. E isso só será possível se houver autoridade por parte do professor.

Para visualizar melhor os dizeres de Sobral, devemos levar em conta o que explana a Política de educação, prevenção, atenção e atendimento às violências na escola quando apresenta que educar é a primeira e a mais eficaz forma de enfrentamento das violências, é preciso então pensar que o complexo processo de ensino e aprendizagem exige a produção de bons vínculos entre os professores e estudantes. Nem sempre essa prerrogativa ocorre nas relações humanas, por isso é importante que o profissional da educação entenda essa realidade e procure estabelecer respeito mútuo, usando autoridade com respeito.

Não é mais admissível, no contexto educacional escolar, fechar os olhos para a realidade de desigual oportunidade que se encontram meninos e meninas que enfrentam diversos tipos de desvantagem social, capital, econômica, cultural e afetiva.

Além disso, na escola e em seu entorno existem vivências de expressões violentas, exigindo de o professor trabalhar com essa temática no coletivo, envolvendo todos os agentes. É importante perceber-se que a escola está preocupada e preparada para lidar com diversos problemas complexos.

Para isso é necessária a demonstração, por parte dos profissionais da educação, de “autoridade”, de conhecimento, de confiança nos seus argumentos. Além disso, é fundamental que esses profissionais apresentem postura ética, pois dessa forma eles se diferenciam daquele que é autoritário, aqui delineado como aquele que acusa, que ameaça e aponta erros, fragilizando o vínculo.

Alguns estudos apontam que a quebra desse vínculo afetivo dificulta o processo ensino aprendizagem. A estudiosa Julia Siqueira da Rocha afirma isso quando diz:

Os estudos da pedagogia e da psicologia da educação, notadamente os que dizem respeito aos processos de desenvolvimento e aprendizagem humana dentro da psicologia histórico cultural, são unânimes em afirmar o papel do vínculo entre professor e aluno e entre alunos de um mesmo grupo para a efetivação do aprender. (2010, p. 153)

Não se quer aqui romantizar essa relação afetiva como sendo algo fácil, sobretudo quando essa relação é dificultada por comportamentos complexos, como por exemplo, as perversidades praticadas por algumas crianças e/ou adolescentes que podem estar na ordem das patologias, problemas esses que geram medo e vulnerabilidade nos estudantes e nos profissionais da educação.

3. A ESCOLA MEDIANDO OS CONFLITOS*

É essencial detectar o conflito na sua fase embrionária, assim evita-se que ocorram situações de violência que saiam do controle dos procedimentos a serem realizados na escola.

* Na Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola, SED, 2011, p. 31, está detalhada essa metodologia.

PREVENIR É FUNDAMENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR.

De que maneira seria possível a prevenção* das violências?

* Nas páginas 27 a 29 da Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola encontram-se o conceito da prevenção na educação e os 10 passos do processo da prevenção de forma sistemática.

Na perspectiva da educação e prevenção, há aspectos pedagógicos importantes para favorecer o trabalho dos educadores diante de questões complexas. Apresentamos a seguir algumas alternativas que auxiliam no trabalho escolar preventivo:

- a) inserir a temática das violências no Projeto Político Pedagógico/PPP da escola;
- b) estabelecer no PPP ações pedagógicas voltadas para a temática violências;
- c) garantir um trabalho pedagógico voltado à prevenção das violências;
- d) integrar os profissionais da escola às problemáticas enfrentadas no cotidiano escolar;
- e) trabalhar continuamente a temática de forma transversal interdisciplinar;
- f) considerar os aspectos: o social, o econômico, o de saúde, o familiar, o individual e o escolar.

Há de se considerar que uma escola comprometida com a formação humana precisa desenvolver nos estudantes a capacidade de valorizar a vida como patrimônio fundamental da humanidade e, conseqüentemente, o cuidado e o respeito para consigo e para com o outro.

Para dar conta dessa função social escolar, faz-se necessário organizar a prática pedagógica com metodologias que possibilitem aos estudantes entender o ambiente em que vivem, procurando realizar mudanças de atitudes para a melhoria da sua qualidade de vida por meio da reflexão, do questionamento e da busca de formas de intervir/solucionar problemas.

É importante na abordagem dessa temática que o professor leve em consideração as situações informais que emergem da sociabilidade dos sujeitos no cotidiano escolar, denominados pelo professor Alexandre Martins Joca (2009), de acaso*. Para o professor Joca, os acasos, ao contrário de serem ignorados e/ou servirem apenas de momentos para intervenções moralistas e repressoras, devem ser aproveitados como conteúdos para serem trabalhados com pretensões pedagógicas educacionais.

* O acaso é o oposto ao programado (imprevisível, inesperado) envolve saberes e experiências diversas dos sujeitos, emergem da sociabilidade dos sujeitos no cotidiano escolar, e abrem um extenso leque de temáticas e questões. Excelente oportunidade para inserir uma temática relacionada à sexualidade, ao preconceito, enfim...

Levando em consideração que o acaso pode servir como conteúdo, é preciso que a prática pedagógica seja repensada sob novas concepções, considerando o ensinar e o aprender no tempo presente, buscando elucidar a função social da escola e do professor, numa perspectiva saudável de relações interpessoais respeitadas e afetivas.

As questões sociais e/ou os acasos que emergem no cotidiano escolar, não podem ser tratados pelo conhecimento do senso comum, exigem dos professores a apropriação de conhecimentos específicos sobre a temática. Esses conhecimentos certamente favorecerão uma intervenção pedagógica mais comprometida e competente.

Portanto, necessitam, sim, de um planejamento com vistas ao desenvolvimento de competências em três dimensões, conforme aponta Alexandre Martins Joca:

Enquanto a **competência científica**, corresponde a “o que fazer”, ou seja, quais os saberes necessários para tratar de tais questões numa abordagem educativa? Já a **competência técnica** diz respeito, “ao como fazer”, quais os instrumentos, quais os métodos pedagógicos a serem utilizados na abordagem educativa? A **competência política**, por sua vez, envolve uma questão central: Qual o papel da educação formal – da escola e do/a educador/as – no processo educativo de ensino-aprendizagem dos sujeitos [...]? Em síntese: o que, como e por que tais questões devem ser postas à mesa da escola? (JOCA, 2009, p. 158, *grifos nossos*)

Com base nessas dimensões, podemos pensar numa educação preventiva, significativa, fundamentada para a formação de sujeitos críticos, conscientes, capazes de resolver problemas, intervindo e transformando a realidade em que vivem. São dimensões basilares para a superação de práticas pedagógicas moralistas e repressoras calcadas no senso comum.